



A nossa fidelidade apoia-se na fidelidade de Deus

Joaquim Manuel Garrido Mendes, dehoniano

INTRODUÇÃO

Conta-se que, pouco depois da destruição do Templo no ano 70 d.C., um grupo de rabis dirigiu-se a Jerusalém. Do alto do monte *Scopus*, os rabis contemplaram a cidade destruída, as ruínas do Templo e, indignados, rasgaram as suas vestes. Depois, aproximaram-se do monte do Templo e viram uma raposa que fugia do lugar onde tinha estado o Santo dos Santos. Os rabis reagiram com choros e lamentações; mas um deles, rabi Akiva, começou a rir. Os outros olharam-no escandalizados e disseram-lhe: «Rabi Akiva, Jerusalém é um montão de ruínas, o Templo está destruído... Nós estamos desolados e choramos. Porque é que ri?». Rabi Akiva olhou-os tranquilamente e retorquiu: «E vós, porque chorais?». Insistiram: «Rabi Akiva, este lugar sagrado, o mais sagrado de toda a terra, tornou-se um covil de raposas. Como diz o livro das Lamentações, “o nosso coração está doente e os nossos olhos estão nublados, porque o Monte Sião está desolado e as raposas passeiam por ele” (Lm 5,17-18). Não deveríamos chorar?». Rabi Akiva respondeu: «Eu vejo a mesma destruição que vós vedes. Mas lembro-me de outra profecia, que diz: “Assim fala o Senhor do universo: os anciãos e as anciãs sentar-se-ão ainda nas praças de Jerusalém; cada um terá na mão o seu bastão, por causa da sua muita idade. As praças da cidade ficarão cheias de meninos e meninas que brincarão nelas” (Zac 8,4-5)». E rabi Akiva acrescentou: «Se o Santo, bendito seja, fez com que a primeira profecia se cumprisse, também fará com que se cumpra esta última. A primeira já aconteceu; estou absolutamente certo de que, no tempo que há de vir, a outra se vai também realizar. É por isso que estou feliz».

Todos nós compreendemos, creio, que o riso de rabi Akiva resultava da sua certeza na fidelidade de Deus à sua palavra, às suas promessas, aos seus compromissos para com Israel. Deus é fiel. Haverá algo que seja mais pacificador, mais motivador, mais gerador de alegria e de esperança do que a certeza da fidelidade de Deus? A convicção profunda de que podemos sempre contar com o amor fiel de Deus, sejam quais forem as circunstâncias e as circunvoluções da nossa vida, não mudará a perspetiva da nossa existência e até mesmo a qualidade do nosso compromisso?

1. A FIDELIDADE DE DEUS

Deus é fiel. Trata-se de um postulado que a catequese bíblica afirma com uma convicção absoluta em cada linha dessa extraordinária história que descreve a relação de Deus com Israel. O que é e como se apresenta a fidelidade de Deus?

1.1. O vocabulário da fidelidade de Deus

Nos livros do Antigo Testamento são diversos os vocábulos que nos colocam no âmbito semântico da *fidelidade*. No entanto, entre esses vocábulos há três que se destacam: *emet*, *emunah* e *hesed*. *Emet* e *emunah* provêm de uma raiz comum, da raiz do verbo *aman*. Na forma *nifal*, significa *estar firme, ser fiel, ser verdadeiro*; na forma *hifil*, pode traduzir-se como *acreditar, confiar*. Os substantivos *emet* e *emunah* (*fidelidade, lealdade, verdade*), quando são aplicados a uma pessoa, indicam alguém que é absolutamente digno de confiança, que é fiel aos seus compromissos, que é fiável.

O substantivo *hesed*, por sua vez, apresenta um leque bastante amplo de significados. Pode ser traduzido como *bondade, misericórdia, ternura, amor*. Mas, entre os seus significados, está também a noção de *fidelidade*. Designa a atitude daquele que ama, e que ama com um amor fiel e verdadeiro, um amor que nunca falha, um amor que é perseverante, gratuito e eterno.

Por vezes, a palavra *hesed* aparece associada a outros vocábulos. No Antigo Testamento, deparamo-nos frequentemente com o binómio *hesed/emet* (cf. Ex 34,6; Sl 69,17; 86,15; 89,15; etc.) ou com o equivalente *hesed/emunah* (cf. Sl 36,6; Sl 89,2.3.25; 92,3; 98,3; 100,5; etc.). Estes binómios definem o comportamento de alguém que é bondoso e misericordioso, de uma bondade ou de um amor que não se gastam, que nunca acabam. É um amor fiel; é um amor “a toda a prova”; é um amor para sempre.

Os autores bíblicos usam, efetivamente, estes vocábulos para se referir a Deus e para definir aquilo que consideram um dos principais atributos de Deus – o seu amor fiel, eterno, nunca desmentido. Ao caracterizar Deus como *emet* (cf. Ex 34,6; Is 10,10; Sl 57,11; 71,22; 86,15; 89,15; 115,1; 117,2; 138,2; etc.), *emunah* (cf. Dt 32,4; Os 2,22; Sl 36,6; 89,2.3.6; 98,3; 100,5; 119,90; etc.) e *hesed* (cf. Ex 34,6; Dt 7,9; Jn 2,9; Sl 86,5.15; 145,8; 2Cr 6,14; etc.), os catequistas de Israel estão a referir-se a um Deus cheio de ternura e de misericórdia, que ama o seu povo com um amor gratuito e pessoal, generoso e imutável, exclusivo e eterno, que jamais falhará.

Ainda nesta área do vocabulário da fidelidade, não podemos deixar de fazer referência a uma noção que aparece recorrentemente nas páginas do Antigo Testamento: a noção de “justiça de Deus”. Deus é justo – diz-se frequentemente (cf. Dt 32,4; Sl 11,7; 36,7; 119,142; etc.). Quer dizer que ele é fiel, que cumpre as suas promessas e oferece ao seu povo, de forma totalmente gratuita, a sua graça e a sua misericórdia. Fiel a si mesmo, fiel à sua essência, Deus deixa que o seu amor fale sempre mais alto; e o seu amor fiel é concretizado na sua ação salvadora e libertadora em favor do seu povo.

Como é que Israel descobriu que Deus é *emet*, é *emunah*, é *hesed*? Como é que Israel descobriu a justiça de Deus? Muito simplesmente, olhando para a história, para o agir de Deus, e tirando dessa observação as conclusões que se impunham.

1.2. Contemplando a história, Israel descobre a fidelidade de Deus

1.2.1. No Egito, Israel encontra-se com Javé

Em meados do séc. XIII a.C., diversas famílias de nômadas oriundas da Ásia, etnicamente próximas, que se haviam instalado no Egito e lá conheceram uma dura experiência de servidão, uniram-se à volta de um líder chamado Moisés e viveram uma maravilhosa aventura que os levou da escravidão para a liberdade. Moisés, o líder desse grupo de escravos (que o livro do Êxodo designa, genericamente, por “hebreus” – Ex 1,15.16.19; 2,7.11; 5,3), sugeriu-lhes que, por detrás desse processo libertador, não estava uma iniciativa humana, mas estava a vontade de Deus, de um Deus chamado Javé. Foi Javé que ouviu os pedidos de socorro desse povo condenado (cf. Ex 2,23-25) e resolveu intervir; foi Javé que designou Moisés para liderar o processo de libertação e o enviou ao Egito para enfrentar o Faraó (cf. Ex 2,23-4,18; 6,2-12; 7,1-7); foi Javé que obrigou o Faraó a deixar sair os hebreus (cf. Ex 7,8-10,29) e os encaminhou para o deserto; foi Javé que, mais tarde, quando o faraó decidiu perseguir os escravos fugitivos, lhes abriu o mar e os fez chegar em segurança à outra margem, à liberdade (cf. Ex 14-15). Javé era, portanto, o centro dessa maravilhosa história de salvação.

A aventura da libertação do Egito marcou de tal forma aquele grupo heterodoxo de escravos, que eles se uniram à volta de Javé, o Deus que os fez passar da morte à vida, e passaram a considerar-se *o povo de Javé*. Israel é, portanto, uma criação de Deus: nasceu a partir da ação libertadora e salvadora de Javé.

Esses hebreus libertados do Egito viram na extraordinária intervenção salvífica de Javé um sinal de predileção e de amor: se Javé foi ao encontro deles e fez tudo aquilo por eles, é porque os amava. Infinitamente. Inexplicavelmente. Agradecidos, agarraram-se a esse Deus e colocaram-se nas suas mãos. Começava, aqui, uma verdadeira história de amor. A certeza de ser um povo amado por Deus vai marcar com um traço indelével cada passo que, a partir deste instante, Israel for dando pela história.

1.2.2. O compromisso entre Javé e Israel: a aliança do Sinai

Foi pouco depois da libertação do Egito que o laço entre Javé e os hebreus se tornou compromisso formal. As tradições do livro do Êxodo referem uma cerimónia solene que selou esse compromisso, em pleno deserto do Sinai, diante de um monte não identificado. Literariamente, o compromisso “assinado” no Sinai entre Javé e Israel será apresentado pelos autores bíblicos na forma e na linguagem de uma *berit* (*aliança*).

No mundo antigo, a palavra *berit* era usada para definir um pacto, com valor jurídico entre entidades ligadas por interesses comuns. Os parceiros envolvidos no pacto não se encontravam, obrigatoriamente, ao mesmo nível: em geral, havia um parceiro mais forte que impunha as suas condições ao mais fraco. O mais forte comprometia-se a proteger o seu vassalo, enquanto este se comprometia a servir o seu suserano. O documento do contrato estipulava as cláusulas a que

cada parte ficava obrigada. A este nível, ficaram famosos, no mundo antigo, os tratados hititas de vassalagem que, aliás, apresentam uma vincada semelhança literária com o texto da *aliança* do Sinai. O ritual que selava o compromisso incluía diversos gestos que sublinhavam o dever da mútua fidelidade.

O texto da aliança do Sinai que as tradições do Êxodo apresentam começa com um prólogo onde Javé lembra a sua ação libertadora e como tinha cuidado de Israel ao longo da caminhada pelo deserto («Vós vistes o que eu fiz no Egito, como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe até mim» – Ex 19,4). Javé apresenta-se, por um lado, como um parceiro poderoso, capaz de proteger eficazmente o seu sócio; e, por outro lado, recorrendo à imagem da águia que transporta o filhote sobre as asas e o protege, sugere o carinho materno que nutre por Israel (cf. Dt 32,11). Não estamos apenas num âmbito jurídico; estamos no contexto de uma relação de amor. Depois, Javé garante ao seu parceiro que, se aceitar envolver-se nessa *aliança*, será «um reino de sacerdotes e uma nação santa» (cf. Ex 19,5-6): terá um lugar à parte no coração de Deus; separado das outras nações será um povo especial, o povo eleito de Javé, e viverá para o seu serviço.

Quais as obrigações de cada um dos parceiros nesta *aliança*? Israel deverá viver de acordo com o seu estatuto de povo de Javé: não terá outros deuses, nem prestará culto a mais ninguém; viverá segundo a justiça, assegurando o respeito pelos direitos e pela dignidade de todos os membros da comunidade (cf. Ex 20,1-17). Javé, por seu lado, cuidará de Israel, facilitar-lhe-á a conquista da terra, acompanhá-lo-á no seu caminho histórico, cumulá-lo-á de bênçãos, garantir-lhe-á a vida e a paz (cf. Ex 23,20-31).

O pacto entre Javé e Israel será selado (como era costume) com o sacrifício de animais, a aspersão do povo com o sangue dos animais imolados (o *sangue da aliança*), a leitura do documento do compromisso (o *livro da aliança*) e um banquete solene (cf. Ex 24,4-8). Completamente rendido a Javé, Israel garante solenemente a sua fidelidade: «Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos e obedeceremos» (Ex 24,7).

Na conclusão da *berit*, o próprio Javé lembra ao seu parceiro os atributos que o caracterizam: Ele é um Deus «misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de *amor (hesed)* e *fidelidade (emet)*» (Ex 34,6). Já conheceis este binómio e percebeis o seu alcance. Ao afirmar a sua *hesed* e *emet*, Deus põe o seu selo na *aliança*: garante que o seu comportamento será sempre pautado por um amor gratuito, generoso e fiel. Israel caminhará na história sempre abrigado pelo amor fiel de Deus.

A decisiva etapa do deserto culmina com a chegada do povo às planícies de Moab e a renovação da *aliança*. É nesse cenário que Moisés evoca tudo o que Javé fez até àquele momento, os seus gestos em favor de Israel, desde o Egito até ali; e conclui: «Javé é o rochedo, as suas obras são perfeitas, os seus caminhos são justos! É um Deus fiel (*El emunah*), sem iniquidade, ele é justo e reto» (Dt 32,4). A imagem do *rochedo* (aqui associada à palavra *emunah*), repetida em Dt 32,15.18.30.31.37, acentua a ideia da imutável fidelidade de Deus, da verdade das suas palavras, da solidez das suas promessas. Será, para Israel, a imagem de referência quando se trata de representar plasticamente a fidelidade de Deus (cf. Sl 18,3.32; 31,3; 89,27; 94,22; 95,1; 144,1).

1.2.3. Um caminho feito entre a fidelidade de Deus e a infidelidade do povo

Como funcionou, ao longo da história, esta *aliança*? Como é que os dois parceiros se comportaram no que respeita à fidelidade aos compromissos?

A catequese de Israel deixou bem claro que Javé fez sempre a sua parte e foi fiel aos compromissos que assumiu para com o seu parceiro. Os teólogos deuteronomistas, que nos deixaram uma desenvolvida reflexão teológica sobre a história de Israel, descreveram a conquista da terra prometida como uma procissão solene, com Deus à frente, desbaratando a resistência dos povos cananeus e oferecendo a Israel a posse de todo o país (livro de Josué). Contaram como, após a instalação na terra, numa época incerta e de poder fragmentado, Javé designava e enviava “juízes” – líderes regionais cheios de defeitos e de fragilidades – que apoiados pela força de Deus salvavam as tribos das ameaças dos grupos cananeus (livro dos Juízes). Descreveram, também, como Javé, cedendo às instâncias do povo, aceitou a instituição da realeza (cf. 1Sm 10,1-27); e como elegeu David para presidir aos destinos do seu povo (cf. 1Sm 16,1-13), fez com ele uma aliança, garantiu-lhe para ele e para os seus filhos um trono firme para sempre (cf. 2Sm 7,12-16). Descreveram, numa palavra, como Israel atravessou a história sob o olhar atento de Javé e sendo amparado, a cada passo, pelo amor fiel de Deus.

O desastre nacional que culminou no Exílio da Babilónia pôs, de certo modo, em crise as certezas dos israelitas em relação à fidelidade de Deus. Quando os babilónios tomaram e arrasaram Jerusalém, onde estava, afinal, esse Deus fiel, que tinha garantido proteção ao seu povo? A resposta surgiu, naturalmente, pela voz dos teólogos e profetas que acompanharam a comunidade exilada: não foi Deus que falhou, não foi Deus que violou a *aliança*; foi o povo que, com as suas opções erradas e a sua infidelidade às indicações de Deus, preparou a ruína da nação. Apesar de tudo, Javé não estava longe; e, através dos seus profetas, logo fez ecoar no Exílio da Babilónia palavras destinadas a consolar e a dar esperança ao seu povo. Finalmente, alguns anos decorridos, guiados pelo Deus fiel, os exilados puderam retornar a Jerusalém para reconstruir o seu futuro e a sua história.

Israel, por seu lado, nem sempre se manteve fiel aos compromissos que assumiu para com Deus. A infidelidade do povo manifestou-se ao nível do culto (abandono de Javé e envolvimento com os deuses cananeus), da vivência comunitária (violências e derramamento de sangue, injustiças contra os mais débeis, perversão da justiça e do direito) e mesmo das opções políticas (as alianças militares e políticas com potências estrangeiras, sinal de que Israel confia mais nos exércitos estrangeiros do que no amor de Deus).

Contudo, a fidelidade de Deus nunca foi condicional, nunca dependeu da fidelidade de Israel. O amor fiel de Deus é absoluto, porque a fidelidade faz parte da essência de Deus.

1.3. Os profetas de Israel lembram ao povo a fidelidade de Deus

Os profetas são uma das expressões mais emblemáticas do amor fiel de Deus por Israel. São um sinal inequívoco de que Deus, no seu amor fiel por Israel, nunca desistiu do seu povo. Escolhidos, chamados e enviados por Deus, eles são a voz de Deus a ecoar na vida e na história do seu povo. Têm como missão ajudar Israel a recordar a *aliança* e os compromissos dela decorrentes, quer no âmbito da relação com Javé, quer no âmbito da vivência comunitária. O povo, confrontado com a denúncia profética, tem a oportunidade de constatar a sua infidelidade e de perceber o sem sentido das suas opções erradas. Poderá, na sequência, repensar o seu caminho, voltar atrás, converter-se, retornar à órbita de Deus. Se Israel escutar os apelos de Deus – que lhe chegam pela voz dos profetas – poderá assegurar um futuro feliz, fecundo, cheio de paz.

Não é possível apresentar, no âmbito limitado desta reflexão, a profunda dimensão da palavra profética sobre a fidelidade de Deus. Vou só, a título de exemplo, lembrar três textos proféticos onde o amor fiel de Deus é afirmado com imagens fortes, que calaram fundo na experiência religiosa de Israel: Os 2,4-25; 11,1-9; Is 49,14-18.

a) Os 2,4-25: Deus como marido que ama apaixonadamente a sua esposa

A teologia de Oseias está profundamente marcada pela sua experiência pessoal: a de um marido perdidamente apaixonado por uma esposa infiel. A traição da esposa fá-lo sofrer; mas não consegue apagar o amor que lhe enche o coração. Foi a essa luz que Oseias refletiu e apresentou a sua mensagem sobre o amor fiel de Deus.

É em 2,4-25 que o profeta apresenta Deus na figura do marido apaixonado, magoado pela traição da sua esposa. Israel, a esposa infiel de Javé, trocou o amor fiel do seu marido/Deus pelos amantes (o culto dos deuses cananeus). Que vai esse marido/Deus fazer diante da traição da esposa amada? Suplicar, corrigir, ameaçar, castigar? Mas essas ações resolverão a infidelidade da esposa/povo? Não. Então o marido/Deus sempre apaixonado pela sua esposa/povo vai tentar outro caminho, o único capaz de salvar a relação: vai seduzir de novo a sua amada, vai falar-lhe ao coração, vai levá-la ao deserto para que ela relembre os primeiros passos desse amor tão bonito que viveram na juventude, vai fazer tudo para que a esposa/povo recorde com saudade a felicidade que perdeu e resolva voltar para os braços apaixonados do seu marido/Deus. Então sim, será restabelecida aquela relação de amor, aquela *aliança* que a traição parecia ter condenado. Será um novo casamento, marcado pela *hesed* e pela *emunah* (cf. Os 2,21-22), assente no amor fiel, que inaugurará tempos novos de felicidade sem fim.

No entendimento de Oseias, Deus sente pelo seu povo um amor indestrutível. Nada nem ninguém lhe porá fim. E será a grandeza desse amor que trará Israel de volta aos braços de Deus.

Voltaremos, mais à frente, a este belo texto de Oseias.

b) Os 11,1-9: Deus como pai/mãe cheio de ternura pelo filho rebelde

Em 11,1-9, Oseias retoma o mesmo tema do amor fiel de Deus usando, desta vez, a imagem do pai/mãe e do seu amor pelo filho... Desde o primeiro instante, no Egito, Deus amou Israel (o seu filho) e chamou-o. Libertou-o da escravidão, trouxe-o nos braços, cuidou dele, ensinou-o a andar, pegou nele ao colo, encheu-o de carícias, deu-lhe de comer... Embora, no texto, Deus apareça como *pai*, muitos dos gestos que ele faz em benefício do filho são gestos de *mãe*. Deus é assim apresentado como o pai/mãe de Israel, que ama o seu filho com um amor fiel, total, eterno, comovente, cheio de afeto e de ternura, um amor que vem de dentro, das entranhas, como é o amor das mães.

Como é que o filho reage a esse amor? De forma leviana e ingrata, afasta-se de casa, não reconhece o amor e os cuidados do pai/mãe, vira as costas ao amor e busca a sua felicidade e realização noutros ambientes. Esse filho ingrato que escolhe ignorar o amor do pai é o protótipo do filho rebelde que, segundo a Lei, deve morrer (cf. Dt 21,18-21).

Que faz esse pai/mãe? Castiga o filho? Desiste dele? Deus trava uma luta no seu coração para decidir como responder à ingratidão do filho... E essa luta é vencida pelo amor: o amor fiel de Deus fala mais alto e derrama-se sobre o filho rebelde («como podia eu abandonar-te? O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas. Não, não desafogarei o furor da minha cólera, não voltarei a destruir Efraim; porque sou Santo no meio de ti e não me deixo levar pela ira» – Os 11,8-9).

Deus, o Deus que Oseias encontra e anuncia, é o Deus fiel, o Deus do amor que permanece para sempre, mesmo quando o filho, rebelde e ingrato, não o merece.

c) Is 49,14-18: O amor fiel de Deus como «o maior dos amores»

O texto de Is 49,14-18 leva-nos até ao cenário do Exílio na Babilónia, no séc. VI a.C. (foi nesse cenário que o Deutero-Isaías, o seu autor, exerceu a sua missão profética). O tempo do Exílio é um tempo de sofrimento e de frustração, durante o qual os exilados sofrem por se julgarem abandonados por Deus. Eles até aceitavam que o Exílio era o resultado lógico da sua infidelidade à aliança e do seu pecado; mas o tempo ia passando e não se vislumbrava no horizonte uma saída, uma esperança. Jerusalém continuava um montão de ruínas e a estadia numa terra estrangeira parecia nunca mais chegar ao fim. Os exilados – que conheciam as tradições que falavam do amor sempre fiel de Deus pelo seu povo – perguntavam-se se Deus os tinha abandonado definitivamente e se tinha desistido da *aliança*. Diz o profeta, dando voz a Deus: «Sião dizia: “O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se de mim”»... E Deus, o Deus do amor fiel, responde ao lamento do povo com estas palavras: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Mas, ainda que ela se esquecesse dele, eu nunca te esqueceria. Eis que eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos. As tuas muralhas estão sempre diante dos meus olhos. Os que te vão reconstruir andam mais rápidos que os que

te destroem. Os que te devastam fogem de ti. Levanta os olhos à tua volta e vê como todos se reuniram para vir a ti. Juro pela minha vida, diz o Senhor» (Is 49,14-18).

Temos, neste breve texto, duas imagens muito belas para descrever o amor de Deus pelo seu povo. Na primeira, o amor de Deus é comparado com o amor que uma mãe tem pelo seu bebé... O amor da mãe pelo filho é um amor visceral, profundo, total, que faz estremecer todo o ser da mãe. É, segundo o senso comum, o maior dos amores. Seria impensável que uma boa mãe abandonasse o filho querido, nascido do seu ventre. No entanto, mesmo que isso fosse possível, por hipótese absurda, o coração materno de Deus nunca esqueceria os seus filhos. O amor de Deus é um amor de uma grandeza inconcebível: está para além do maior de todos os amores.

Na segunda imagem, o amor fiel de Deus é apresentado como o amor que um jovem apaixonado sente pela sua amada: um amor avassalador, irremediável, que não tem fim. A imagem de Israel, a amada, está tatuada nas palmas das mãos de Deus (alude-se, provavelmente, ao costume que os jovens israelitas tinham de tatuar o nome da amada na palma da mão). É um amor inapagável, como uma tatuagem, para sempre gravada na pele; é um amor inesquecível, entranhado, eterno. A nossa pobre linguagem humana é, tantas vezes, incapaz de expressar a grandeza de Deus! Contudo, estas imagens utilizadas pelo profeta permitem-nos contemplar, com a aproximação possível, a dimensão incomensurável do amor fiel de Deus.

2. A FIDELIDADE DE DEUS COMO SUSTENTÁCULO DA NOSSA FIDELIDADE

Javé, o Deus justo, foi sempre fiel à sua essência. Ele é *emunah*, ele é *emet*, ele é *hesed*. Ele é o Deus justo. Fiel à sua essência, tratou sempre o seu povo com amor, um amor nunca desmentido. Mas Israel, ferido pela fragilidade que é inerente à condição humana, mostrou a cada passo a sua incapacidade em permanecer fiel a Deus e à *aliança*.

O que é que Israel sente ao confrontar a sua falta de compromisso com a absoluta fidelidade de Javé? A contemplação do amor fiel de Deus não terá um peso positivo sobre as opções do povo, levando-o uma resposta fiel?

2.1. Oseias: o amor fiel de Deus transforma o coração e converte-o à fidelidade

Retomemos um texto de Oseias atrás citado, aquele em que a relação entre Deus e Israel é comparada com o amor de um marido fiel pela sua esposa infiel (cf. Os 2,4-25).

O amor desse marido é um amor enternecedor. É excessivo, ultrapassa todos os limites (essa é, aliás, a marca de todos os amores verdadeiros). Nem a traição da esposa nem a desilusão que daí resultou conseguiram diminuí-lo. Embora com o coração a sangrar, o marido traído não mostra disponibilidade para renunciar à sua esposa. O castigo da esposa, a rutura da relação – que implicariam fechar a porta à sua amada – não são, para ele, opções. Para aquele homem que ama sem medida, o único caminho aceitável é refazer aquela história de amor. Opta, então, por seduzir outra vez a sua amada, por «falar-lhe ao coração» com doces palavras de amor (Os 2,16), por

voltar a despertar aquele amor que, no coração da esposa, tinha sido sufocado pela rotina, pela acomodação, pela fragilidade humana, pelas tentações e seduções dos amores efémeros. Ele está seguro do êxito da sua estratégia: seduzida outra vez, de novo encantada, cativada pelo amor eterno do marido, a esposa voltará a apaixonar-se e a desejar, de todo o coração, reencontrar o seu primeiro amor. «Naquele dia, ela me chamará “meu marido”» (Os 2,18) – garante o esposo. De novo. Com uma paixão reacendida. Com os olhos outra vez a brilhar de amor. E o marido do amor fiel, seguro agora do amor da sua esposa, dirá de novo a fórmula solene dos esponsais: «Farei de ti minha esposa para sempre». E acrescentará, ainda: «Farei de ti minha esposa na justiça e no direito (*be-zedeq ve be-mishpat*), na fidelidade e na ternura (*ve be-hesed ve be-rahamim*); farei de ti minha esposa na lealdade (*be-emunah*) e então conhecerás o Senhor» (Os 2,21-22). A *justiça*, o *direito*, a *fidelidade*, a *ternura* e a *lealdade* são os dons que aquele marido fiel trará para a relação. Continuamente. Serão esses dons que farão aquele casamento valer a pena; serão esses os dons que farão a esposa esquecer definitivamente os seus amores efémeros. O marido do amor fiel não tem dúvidas: tocada e transformada por estes dons, a esposa/Israel *conhecerá* (*yadah*) o Senhor. O verbo *yadah* (*conhecer*) traduz a nova atitude da esposa: a entrega plena ao marido, o envolvimento total na relação, a completa aposta naquele amor. Ela será uma mulher nova. Transformada pelo amor (pelo grandioso amor) do marido, ela será, a partir de agora, verdadeiramente fiel.

Permitam-me que vos chame a atenção para uma questão decisiva: não se trata simplesmente aqui de um marido que, vendo o arrependimento da esposa, resolve perdoar e dar-lhe mais uma oportunidade; trata-se de um marido que ama infinitamente, que ama “a fundo perdido” a sua mulher, mesmo quando ela ainda está agarrada aos amantes e ainda não pôs a hipótese de voltar para casa. É muito mais do que o simples perdão: ao longe, triste e magoado, este marido continua a amar a esposa, mesmo sem ela manifestar arrependimento pela traição; e é precisamente a grandeza desse amor que vai resolver a esposa a voltar. Confrontada com esse amor eterno, a esposa vai perceber o sem-sentido dos amores efémeros que a atraíram e vai regressar, convertida e seduzida, para os braços do marido.

Para Oseias, o amor fiel e eterno de Deus será capaz de transformar o coração de Israel, convertendo-o à fidelidade. O povo, confrontado com o amor eterno de Javé, irá perceber os limites das outras propostas que encontra no caminho e voltar, agradecido e encantado, para os braços de Deus. Ao ver a grandeza e a qualidade do amor de Javé, Israel compreenderá que aquele é o amor maior. Em mais nenhum lugar, em mais nenhum amor Israel encontrará a sua realização plena, a sua felicidade. Só o amor de Deus é absoluto e só nele Israel encontrará Vida verdadeira, Vida em abundância, Vida que vale a pena.

2.2. A contemplação do amor fiel de Deus alimenta a fidelidade dos crentes

Se, como sugere Oseias, o incomensurável amor de Deus é capaz de transformar o coração de Israel, convertendo-o à fidelidade, então é importante que o povo tenha sempre diante dos olhos os gestos através dos quais, ao longo da história, Javé mostrou a sua bondade, a sua misericórdia,

a sua ternura, o seu amor fiel. Os líderes religiosos de Israel sabiam isso. Por isso, a catequese de Israel nunca deixava de evocar e de celebrar as ações históricas de Javé em favor do seu povo.

O ritmo da vida do crente israelita era marcado pelas festas litúrgicas que faziam memória dos gestos salvadores de Deus. A *feira da Páscoa* – a festa por excelência do calendário litúrgico, celebrada cada ano no início da primavera – transportava cada israelita ao Egito e ao momento em que Israel se tinha encontrado com Javé e tinha começado a descobrir o seu amor; e atualizava essa experiência fazendo com que cada crente se sentisse, no seu *hoje*, libertado da escravidão do Egito e beneficiário do amor fiel de Javé. A *feira das semanas*, celebrada sete semanas após o corte das primeiras espigas, evocava a chegada dos hebreus ao Sinai e a celebração da aliança. Ao celebrá-la, o povo fazia memória do compromisso que havia assumido para com Javé e relembrava o amor fiel de Deus, sempre renovado em cada passo da história. A *feira dos tabernáculos*, ou *das tendas*, ou *das cabanas*, recordava o tempo em que os israelitas viveram em tendas, no deserto, e testemunharam a ação desse Deus bom que conduziu o povo pelo caminho e lhe ofereceu tudo aquilo de que ele necessitava para sobreviver.

A própria celebração do sábado continha um convite a que o crente israelita lembrasse e celebrasse o amor fiel de Deus. Exigência do Decálogo, o sábado evocava a ação do Deus criador, que tinha formado o mundo “bom” em seis dias e tinha descansado no sétimo; mas também trazia à memória a libertação do Egito, o tal momento primordial em que Israel se encontrou com Javé: «Lembra-te que foste escravo na terra do Egito, de onde o Senhor teu Deus, te tirou com mão forte e braço estendido. Por isso te ordenou o Senhor teu Deus que guardasses o dia de sábado» (Dt 5,15). Por outro lado, pelo menos na época posterior ao Exílio, a liturgia sinagoga incluía a escuta de textos da *Tora* e dos *Nebiim* (Profetas) que referiam, a par e passo, os gestos de amor de Deus em favor do seu povo. Sim, a noção da fidelidade de Deus coloria todo o horizonte no qual o crente israelita ia construindo a sua história de vida. Por isso, ele vivia plenamente consciente da fidelidade de Deus.

Essa consciência transparece aliás, de forma bem expressiva, no livro dos Salmos – o livro onde se ouve, em discurso direto, a voz do Israel fiel no seu diálogo com Javé. Certo de que a fidelidade faz parte da essência de Deus e é um dos principais atributos de Deus, o crente israelita proclama, na sua oração: «Meu Senhor, és um Deus compassivo e piedoso, paciente, misericordioso e fiel» (*ve rab-hesed ve emet* – Sl 86,15). Ou então: «O Senhor é misericordioso e compassivo, paciente e cheio de amor» (Sl 103,8; cf. 145,8). Mais: o crente israelita reconhece a dimensão incomensurável da fidelidade de Javé; e, cheio de espanto, declara: «o amor (*hesed*) de Deus chega até ao céu e a fidelidade (*emet*) de Deus alcança as nuvens» (Sl 57,11; 108,5; cf. Sl 36,6). O crente israelita está até consciente de que a fidelidade de Deus abraça todo o arco da história e nunca terá fim. Por isso, deslumbrado, repete frequentemente: «A fidelidade do Senhor é eterna», perdurará para sempre (cf. Sl 89,3; 100,5; 106,1; 107,1; 117,2; 119,142; 136,1.2.3.4.5.6.7; 146,6).

Seguro de que caminhará sempre envolvido pelo abraço protetor de Deus (cf. Sl 23,6), o crente israelita deixa o seu agradecimento transpirar em gloriosos hinos de louvor ao Deus fiel (cf. Sl 13,6; 59,17.18; 63,4; 107,1.8.15.21.31); e promete que dará testemunho do que experimentou

(cf. Sl 40,11; 89,2), a fim de que outros crentes conheçam e se deixem envolver pelo dinamismo da fidelidade de Deus.

Nesse diálogo que vão mantendo com Deus, os crentes israelitas admitem francamente que a fidelidade de Javé é um tônico que os anima e sustenta no seu compromisso. Afirmam, por exemplo, que o amor fiel (*hesed*) de Deus (que têm sempre diante dos olhos) os guia pelo caminho da fidelidade (*emet*) (Sl 26,3); que a bondade (*hesed*) e a fidelidade (*emet*) de Deus os ajudam a cumprir os compromissos da aliança e a viver de acordo com os preceitos de Javé (cf. Sl 25,10; Sl 119,159); que o encontro com o amor (*hesed*) de Deus os leva a reconhecer a soberania de Javé, a ir ao encontro dele e a comprometer-se com ele (cf. Sl 5,8).

Parece assim confirmar-se a indicação (que o profeta Oseias formulou, de uma forma tão bela) de que a fidelidade de Deus transforma o coração do crente e fá-lo crescer na fidelidade. Contemplando o amor fiel de Deus, o crente reconhece a inconsistência dos amores efêmeros que o atraem e desiste de procurar a própria realização e a própria felicidade em caminhos de egoísmo e de autossuficiência. Na fidelidade de Deus o crente encontra a motivação e a razão para ser fiel. A experiência dos israelitas fiéis confirma: a *memória* da fidelidade de Deus sustenta a fidelidade do crente.

3. JESUS CRISTO, «O FIEL»

Não podíamos concluir a nossa reflexão sobre a temática da fidelidade, sem lançar um olhar – ainda que breve – sobre a figura de Jesus. Foi através dele que Deus concretizou todas as promessas que, ao longo dos séculos, fez ao seu povo; nele – nas suas palavras nos seus gestos, na sua pessoa – o amor fiel de Deus veio tocar e abraçar todos os homens e mulheres, sobretudo os mais frágeis, os mais pequenos, os mais pobres. Através dele, o Deus fiel veio ao nosso encontro para nos oferecer a sua vida e a sua salvação.

Mas, para além de ser o rosto humano da fidelidade de Deus, Jesus é considerado, pela catequese cristã dos primeiros tempos, como «o fiel» (cf. Hb 2,17; 3,1-2; Ap 1,5; 19,11) – quer dizer, o protótipo da fidelidade. Ora, é sobre esta dimensão que eu queria deixar-vos algumas breves notas de reflexão...

Como é que Jesus se situa face ao Deus fiel? E o que é que alimenta a sua fidelidade?

3.1. Deus é fiel: uma convicção que Jesus bebeu na fé de Israel

Jesus nasceu e cresceu num ambiente profundamente crente. Na sua família e nas outras famílias de Nazaré, a memória da ação histórica de Deus em favor de Israel estava sempre presente. Ao sábado, Jesus frequentava a sinagoga, como qualquer judeu crente; e aí, escutando as escrituras e as discussões dos escribas e dos doutores da Lei, descobria e absorvia a fé ancestral do seu povo, desse povo que tinha caminhado na história pelo braço e sob o abraço de Deus. Nas festividades que marcavam o ritmo anual da vida do seu povo, Jesus celebrava – juntamente com

os outros membros da comunidade israelita – o Deus que tinha criado o céu e a terra; que tinha libertado o seu povo da escravidão do Egito e o tinha conduzido através do deserto; que tinha celebrado com Israel uma aliança e se tinha comprometido a proteger e a cuidar do seu povo; que tinha dado ao seu povo uma terra e o tinha salvo dos inimigos... Nesses acontecimentos que a fé de Israel celebrava, a fidelidade de Deus aparecia como certeza absoluta; e essa certeza era, para Jesus, um dos pilares da sua experiência religiosa.

Mais: como judeu crente, Jesus recitava com fervor alguns salmos que celebravam o amor fiel de Deus. E rezava: «Eu te darei graças diante dos povos, Senhor, tocarei para ti diante das nações: pelo teu amor fiel (*hesed*) que chega até ao céu, por tua fidelidade (*emet*) que alcança as nuvens» (Sl 57,11); e também: «o amor (*hesed*) do Senhor para conosco não tem limites e a sua fidelidade (*emet*) é eterna» (Sl 117,2); e ainda: «dai graças ao Senhor, porque ele é bom; é eterno o seu amor» (Sl 136,1.2.4.5.6.7). Para Jesus, essas expressões não eram ocas ou de circunstância; mas exprimiam uma verdade absoluta a que ele aderira de todo o coração.

Portanto, todo o cenário onde Jesus mergulhava as suas raízes e onde ele, desde a mais tenra infância, alimentava a sua fé recordava-lhe constantemente o amor fiel de Deus. Essa recordação vai marcar toda a sua vida e todas as suas opções.

3.2. Deus é amor: a experiência pessoal de Jesus

Mas a experiência que Jesus tinha do amor fiel de Deus não se esgotava na *memória* que lhe chegava através da catequese e da liturgia do seu povo. As convicções mais profundas de Jesus – no que a Deus dizia respeito – eram também alimentadas pela sua própria experiência pessoal do amor de Deus.

Quando Jesus tinha trinta e poucos anos, chegaram à sua aldeia de Nazaré notícias de um tal João, chamado «o Batista», que pregava na Judeia e entusiasmava as multidões. E Jesus resolveu deixar Nazaré e ir ao encontro de João, nas margens do rio Jordão. Depois de ter passado algum tempo com ele, Jesus quis juntar-se a outras pessoas para receber o batismo. Ao tomar essa decisão, abriu o coração a Deus e colocou-se nas suas mãos. Experimentou, então, algo determinante: descobriu-se a si próprio como filho muito querido de Deus e sentiu-se ungido pelo Espírito de Deus. Marcos descreve essa experiência com estas palavras: “Ao sair da água, viu os céus rasgados e o Espírito, como uma pomba, a descer sobre ele. E uma voz surgiu dos céus: «Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo»” (Mc 1,10-11). Foi uma experiência inolvidável: Jesus tinha descoberto que Deus o amava profundamente, a ponto de lhe chamar “filho”; e entendeu, também, que esse Deus que tanto o amava queria envolvê-lo numa missão, tinha para ele um projeto. O encontro com o amor de Deus marcou Jesus de tal forma, que ele passou a dirigir-se a Deus com a palavra aramaica “*abbá*” (Mc 14,36) – *papá, paizinho*. Era o tratamento terno que um filho dava ao seu querido pai. Esse tratamento mostra bem o grau de intimidade e de familiaridade que Jesus desenvolveu na sua relação com Deus.

A consciência de ser amado por Deus como um filho muito querido nunca mais abandonou Jesus. Embalado por essa experiência, ele desenvolveu uma total confiança no Pai, na sua bondade, no

seu amor fiel. E essa confiança tornou-se amor, um amor à prova de tudo. Plenamente envolvido com esse “Pai” que o amava e que ele amava também, Jesus quis responder com a sua disponibilidade total e com a sua fidelidade ao projeto de Deus. O amor fiel do Pai irá apoiar e sustentar a fidelidade de Jesus.

3.3. Uma intimidade com o Pai alimentada pela oração

Com o coração cheio de amor, Jesus sentia necessidade de passar momentos na presença do Pai, em diálogo com ele. Nesse diálogo ia crescendo a sua intimidade com o Pai e a sua confiança no Pai.

A piedade judaica tinha definido momentos diários de oração para o crente israelita. Jesus, como israelita fiel, cumpria esses momentos de oração. De manhã, ao nascer do sol, e à noite, antes de dormir, recitava o *Shemá*, juntamente com outras orações. Dizia: «Escuta Israel, o Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6,4-6). Podemos imaginar com que emoção Jesus recordava, ao recitar essas palavras, esse amor de Deus de que a catequese de Israel fazia memória e que ele experimentava, na sua própria vida, de uma forma tão profunda!

No entanto, a oração de Jesus não se resumia a esses momentos previstos e exigidos pela fé de Israel. Os Evangelhos referem que Jesus, no decurso da sua vida, se retirava frequentemente para lugares solitários e passava longos momentos a conversar com o Pai (cf. Mc 1,35; 6,46; 14,32-42; Lc 6,12). Esses momentos não eram, para Jesus, uma obrigação, mas sim uma necessidade do seu coração. Era nesse diálogo que ele alimentava o seu ser, se inteirava da vontade do Pai e renovava o seu compromisso com o Pai; era nesse diálogo que Jesus “recarregava as baterias”, encontrava a força e a coragem para ser fiel ao Pai e ao seu projeto. Quanto mais tempo passava em diálogo com o Pai, mais Jesus o amava; e, quanto mais o amava, mais se sentia identificado com ele e mais vontade tinha de cumprir a vontade do Pai, em perfeita docilidade. A fidelidade de Jesus era alimentada pela intimidade que ele tinha estabelecido com o Pai e pelo diálogo que, a todo o instante, o aproximava do Pai e do seu projeto.

3.4. A fidelidade de Jesus ao projeto do Pai

O Deus de Jesus era o Deus do amor fiel, que sempre tinha amado e cuidado do seu povo. O Deus de Jesus era, também, um Deus que o amava profundamente, como filho muito querido. E Jesus respondeu a esse amor disponibilizando-se totalmente para o serviço de Deus.

Assim, o projeto do Pai, a vontade do Pai, passou a ser o seu único interesse, o supremo objetivo da sua vida. Confrontado a cada passo com opções difíceis, açoitado pelo conflito e pela luta interior, Jesus nunca escolheu o seu próprio interesse, a sua glória, o seu objetivo pessoal, mas sim (e sempre) a vontade do Pai. As “tentações” nunca conseguiram desviá-lo do caminho da fidelidade ao Pai. A Pedro, que queria impedi-lo de se dirigir para Jerusalém, Jesus diz: «Vai para trás de mim, Satanás, porque não tens em mente as coisas de Deus, mas as dos homens!» (Mc

8,33). Esta afirmação concludente traduz a sua determinação em não se deixar desviar do caminho que o Pai tinha delineado para ele.

Pouco depois, no Getsémani, em circunstâncias bem dramáticas e numa altura em que a cruz estava já bem à vista, Jesus reafirma, definitivamente, a sua fidelidade ao Pai e ao seu projeto (cf. Mc 14,32-42; Lc 22,42). Dialogando com o Pai, admite a sua angústia e inquietação diante do que lhe é pedido; mas, ao mesmo tempo, reitera a sua confiança no Pai e a sua decisão de obedecer filialmente a tudo aquilo que o Pai entender dispor: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que eu quero, e sim o que tu queres» (Mc 14,36). São palavras definitivas, que mostram a sua decisão de cumprir, sem reticências ou objeções, a vontade do Pai.

Não há qualquer dúvida: para Jesus, a vontade do Pai era o valor supremo. Nada mais lhe interessava. O amor que o Pai tinha por ele sustentava a sua fidelidade. Amando o Pai e sentindo-se profundamente amado por ele, Jesus foi, de facto, «o fiel».

CONCLUSÃO

A história da relação entre Javé e Israel é uma grande e bela história de amor... De um amor inefável, de um amor que espanta, de um amor “caído do céu” e que Israel não sabia explicar. E Deus “entrou com tudo” nessa história de amor, disposto a apostar totalmente naquela relação. Deus foi, para Israel, pai e mãe que cuida e que ama; foi marido fiel que abraça a sua amada. Sempre, sem hiatos ou amuos. De uma fidelidade inquestionável, infinita, eterna. Ao longo de um extenso caminho histórico, Israel viajou comodamente abrigado e protegido pelo amor fiel de Deus.

No entanto, Israel não foi fiel a Deus. Com frequência, com demasiada frequência, afastou-se de Deus, ignorou as suas indicações, correu atrás de outras propostas efémeras de felicidade. O seu amor para com Javé foi, em tantos momentos e situações, como o orvalho da manhã, que rapidamente se evapora quando o sol aquece.

Uma relação entre dois parceiros tão desiguais, quanto à fidelidade, tinha tudo para terminar em divórcio... Afinal, para que uma relação resulte, os dois parceiros têm de estar dispostos a apostar no amor. Deus era fiel, era fiável, era de confiança; Israel não. Ponto final naquela história de amor?

Não. Porque Deus nunca aceitou desistir do amor que tinha pelo seu povo. Depois de cada traição, depois de cada fracasso de Israel, o amor de Deus continuava firme, a brilhar e a atrair o olhar e o coração do povo. Israel, olhando outra vez para aquele amor que não se apagava, percebia o sem-sentido das suas escolhas erradas e voltava atrás... E Deus lá estava, de braços abertos para

o acolher outra vez. Sempre. O amor de Deus por Israel era eterno, era irreversível. E Israel percebia que não podia dar-se ao luxo de rejeitar um amor assim. Quanto mais contemplava o amor fiel de Deus, mais Israel tinha vontade de se entregar a Deus. A fidelidade de Deus era um estímulo para que Israel vivesse de acordo com as indicações de Javé. A fidelidade de Deus sustentava a fidelidade de Israel.

A certeza da fidelidade de Deus esteve sempre no horizonte de Jesus. Ele soube, praticamente desde o berço, que Javé era o Deus fiel, pois a catequese e a liturgia de Israel lembravam a cada instante os gestos de Deus em favor do seu povo. Mas, para além daquilo que a tradição religiosa de Israel afirmava sobre o amor fiel de Deus, o próprio Jesus experimentou, na sua vida, a presença desse Deus bom, que o amava como filho muito querido. E Jesus deixou-se envolver por esse amor. Aprofundando essa relação de amor, Jesus desenvolveu com Deus uma relação muito íntima, de grande proximidade e de profundo afeto. Jesus tratava Deus por “abbá” – “paizinho”; e dialogava com o Pai todos os dias, particularmente nos momentos mais difíceis e obscuros... Nesses diálogos, ao mesmo tempo que aprofundava o seu amor ao Pai, também descobria o projeto do Pai; e passou a viver unicamente para concretizar o projeto de Deus. É isso que acontece quando se ama de verdade: a vontade da pessoa amada passa a ser decisiva para aquele que ama. Nada mais conta, nada mais interessa. Jesus foi chamado «o fiel», porque viveu totalmente dedicado ao projeto do Pai. Sem reservas, numa entrega total. Jesus é o nosso modelo nestas “guerras” da fidelidade.

Interrogamo-nos, tantas e tantas vezes, sobre as razões da nossa dificuldade em sermos fiéis à nossa vocação e aos compromissos que assumimos... Podemos dizer que se trata de algo inerente à nossa condição humana, débil e vulnerável... E é verdade: somos barro frágil. E podemos, até, explicar a nossa dificuldade em permanecermos fiéis evocando o cansaço, a rotina, o egoísmo, o comodismo, a mudança acelerada dos nossos pontos de referência, a cultura do fragmento e do provisório que caracterizam a nossa época... E continua a ser tudo verdade. Não há volta a dar: esses elementos vão fazer sempre parte da nossa experiência e do nosso caminho. Mas, apesar de tudo isso, creio que poderemos ser fiéis se nos detivermos frequentemente a contemplar a fidelidade de Deus. A fidelidade de Deus motiva-nos, a fidelidade de Deus encoraja-nos, a fidelidade de Deus inspira-nos, a fidelidade de Deus responsabiliza-nos, a fidelidade de Deus converte-nos ao amor... Sim, a fidelidade de Deus sustenta a nossa fidelidade.

Como Jesus, necessitamos de descobrir, de contemplar e de celebrar o amor fiel de Deus. Como Jesus, precisamos de nos sentir filhos amados por Deus e de criar laços de intimidade e de proximidade com ele. Como Jesus, necessitamos de aprofundar a nossa familiaridade com o Pai

através de um diálogo íntimo, pessoal, familiar, que nos leve a um envolvimento cada vez maior com ele. Depois de termos percorrido esse caminho, teremos vontade de responder com a nossa fidelidade à fidelidade de Deus. E sentiremos uma vontade invencível de abraçar o projeto que Deus tem para nós. Com falhas? Possivelmente... Com avanços e recuos? Provavelmente. Mas também com uma vontade sempre renovada de correspondermos àquilo que Deus espera de nós.

Talvez a escuta e a meditação frequente da Palavra de Deus (que evoca a história da salvação e nos recorda a cada passo a fidelidade de Deus) fortaleça e alimente a nossa fidelidade. Talvez a recitação diária dos Salmos (que tantas vezes nos lembram o amor fiel de Deus e as maravilhas que esse amor realizou na história de Israel e na vida de tantos crentes) nos motive e encoraje na vivência da fidelidade. Talvez a celebração dos sacramentos (que atualizam na nossa vida os gestos salvadores de Deus e são expressão do seu amor) fortaleça a nossa vontade de permanecermos fiéis. Talvez a oração, o diálogo frequente com Deus (que nos aproxima do Pai, que nos permite experimentar a sua presença e o seu amor, que nos ajuda a entender a perspectiva e o projeto do Pai) seja o alimento e o sustentáculo da nossa fidelidade.

“A fidelidade de Deus precede-nos sempre, e a nossa fidelidade é uma resposta a essa fidelidade que nos precede. É Deus que nos precede sempre. A flor da amendoeira, na primavera, é a primeira a florescer» – assim se expressava o bom Papa Francisco em 15 de abril de 2020. A amendoeira (em hebraico, *shaqéd*) evoca o Deus que está sempre “vigilante” (em hebraico, *shoqéd*) para que a sua palavra se cumpra fielmente (cf. Jr 1,11-12). A fidelidade de Deus é como a flor da amendoeira, que nasce ainda em pleno inverno, e já está lá, bela e anunciadora de um tempo novo, quando a primavera chega. O amor fiel de Deus antecede a nossa fidelidade, como a flor da amendoeira antecede as outras flores; e é da fidelidade de Deus que brotará o fruto maravilhoso da nossa fidelidade, do nosso compromisso, da nossa perseverança.